

# Jesco em último registro fotográfico



Nas aldeias, as crianças têm tratamento especial e o apego à família é uma característica marcante



Grande paixão de Jesco, a fotografia captou inclusive a imagem do pai, o Barão Puttkamer, a quem tanto o pesquisador admirava

**Parada cardíaca mata o fotógrafo e pesquisador que conviveu durante décadas com índios brasileiros de diferentes Estados**

Antônio Lisboa

As aldeias brasileiras amanheceram tristes. Com certeza, alguém ouviu na noite anterior o pio da coruja. Nas malocas, ensaiam-se um ritual melancólico, de aboios e lamentosos cantos, ao som da flauta de bambu. Os índios perderam um amigo. O fotógrafo, pesquisador e indigenista Wolf Jesco Von Puttkamer, que morreu na noite do último dia 31, de parada cardíaca, dez dias após completar 75 anos de idade. Convivendo cerca de 40 anos com índios do Brasil Central e da Amazônia Jesco Puttkamer foi um dos poucos que conheceram o pensamento, a vida, a índole e a alma desses povos.

Jesco Puttkamer nasceu em 21 de maio de 1919 na Fazenda Monte Verde (em Niterói-RJ), de propriedade do seu pai, o Barão Wolf Heinrich Freiherr Puttkamer-Schickerwits. Possuía dois irmãos, Olavo e Helga Adelaide. Devido às investidas da malária, o Barão teve que vender a fazenda. Com os filhos, fez uma fantástica viagem pelo Rio São Francisco até radicar-se no interior de Minas Gerais, onde, como engenheiro agrônomo e naturalista, passaria a explorar diamantes. Jesco Puttkamer ainda menino aprendeu a amar a natureza, em contato com os sertões, seus encantos e mistérios.



Fotos: Jesco/Cedoc

Jesco aprendeu muito no convívio com os índios, de quem se confessava um amigo

151 190

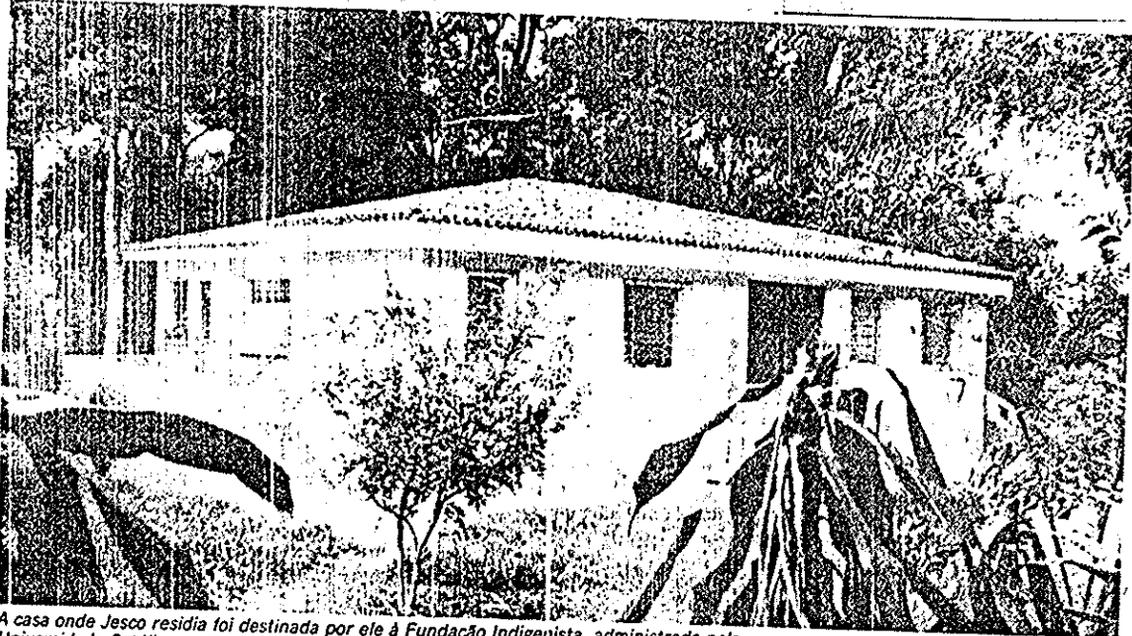
50

Jesco e Olavo foram estudar na Suíça e em 1932 toda a família passou a morar na Alemanha, onde iria receber considerável herança do avô, morto em 1932. Seis anos depois, em Breslau, capital da Silésia, Jesco matriculou-se na Universidade de Breslau, onde estudou Ciências Naturais e fez Jornalismo e Mineralogia, na Escola Politécnica. Estoura a II Guerra Mundial. Como o Brasil era neutro e até simpático da Alemanha, permaneceram no País Jesco e Olavo como brasileiros. Enquanto o Nazismo avançava, Jesco estudava, tendo se diplomado como Engenheiro Químico e de Minas. Mas com o engajamento do Brasil na Guerra, em agosto de 1942, os irmãos Puttkamer foram presos e considerados inimigos da Alemanha. Ambos foram expulsos da universidade (Olavo cursava Agronomia na Escola de Witzenhausen). Devido à descendência nobre alemã, Jesco e Olavo foram colocados à disposição da Gestapo (a polícia política nazista) que lhes impôs servir o exército alemão. Ambos se recusaram. Olavo foi dado como desaparecido e Jesco, graças à intervenção do cônsul sueco foi poupado, mas recebeu a imposição de serviços forçados.

De volta ao Brasil em 1947, Jesco Puttkamer foi convidado pelo então governador de Goiás, Coimbra Bueno a trabalhar no projeto de colonização que se desenvolvia na época, a chamada Marcha para o Oeste. Através do governador, Jesco teve o seu primeiro contato com os índios Karajá e Krahô, além de visitar também as aldeias Xavante, no Mato Grosso. O conhecimento dos índios fascinou Jesco, que deixaria a família, na chácara do Setor Bueno, onde com o pai, fabricava vinhos e geléias e cultivavam árvores frutíferas. Começa aí a história de Jesco Puttkamer, o amigo dos índios.



As peças artesanais para enfeites são algumas das atividades destacadas por Jesco nos seus registros



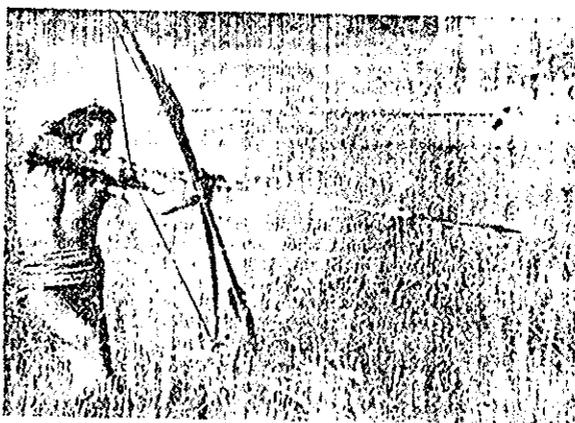
A casa onde Jesco residia foi destinada por ele à Fundação Indigenista, administrada pela Universidade Católica de Goiás

5

2



Em sua casa, Jesco recebia os velhos amigos do tempo de contatos na selva, como o chefe Txucahamei Krumaré



Os hábitos, sentimentos e tradições indígenas geraram milhares de registros em filmes e fotografias produzidos por Jesco

5

Tendo se tornado amigo dos irmãos Villas-Boas (Orlando e Cláudio) e de Chico e Apocna Melrelles, Jesco intensificaria as suas visitas às aldeias de Goiás, Mato Grosso, Rondônia, Acre e de outros estados da Amazônia. Foram anos de pesquisa dos hábitos, sentimentos e tradições dos povos indígenas. Jesco realizou milhares de fotos. Produziu várias horas de documentários em filmes e gravações sonoras. Somente a BBC de Londres editou sete dos seus filmes. A Revista National Geographic Society publicou pelo menos cinco das suas histórias de índios no Brasil. No início dos anos 70 passaria a contar com o apoio do Instituto de Pré-História e Antropologia da Universidade Católica de Goiás, de quem tornou-se professor e pesquisador. Jesco doou, há dois anos, todos os seus bens ao

Museu Acary de Passos Oliveira, criado na chácara onde morou até à sua morte. O Museu, bem como o Centro de Estudos Indigenistas são ligados à Universidade Católica de Goiás.

Em quatro décadas de convívio com os índios, Jesco Puttkamer assimilou muitas lições. De sabedoria, de humildade e de grandeza humana. Arredio a badalações, recebeu vários títulos (inclusive de Cidadão Goiano, em outubro de 1990) e condecorações, muitos dos quais não chegaram a ser divulgados a seu próprio pedido. Pesquisador incansável, acompanhava todas as questões e fatos envolvendo índios no Brasil. Admirador confesso do pai, de quem herdou muito da sensibilidade para com a Natureza, o sertanista tinha na foto-

grafia uma grande paixão. Com frequência, recebia em sua residência os amigos índios que passavam por Goiânia. Outra grande lição que aprendeu nas aldeias, nas selvas longínquas da Amazônia foi o amor à família, o cuidado com os filhos principalmente. Isso levou o pesquisador a receber em sua casa meninos e meninas dos índios mais pobres, assumindo a responsabilidade da educação dos mesmos. O marco da passagem de Jesco Puttkamer pelas aldeias está materializado em toneladas de filmes e fotos. Ainda em vida o fotógrafo destinou toda essa riqueza aos pesquisadores e amantes da causa indígena. E esse gesto foi mais uma lição - de desprendimento. Aos que insistiam em chamá-lo de antropólogo, Jesco esquivava-se: "Sou apenas um fotógrafo amigo do índio".



Foi grande a contribuição indígena para a cultura branca, Jesco registrou alguns desses momentos, vindos dos Wrueru-Wau-Wau

3